

Compl

N.º 6

-6. MAI 2010

LISBOA, 7 DE AGOSTO DE 1924

ANO I

Director  
Oliveira Tavares

Editor  
Joaquim Araujo

Propriedade da Empreza  
de Publicidade Colonial, L.ª

# GAZETA

DAS

# COLONIAS

Composto e Impresso  
Rua do Seculo, 150

Publica-se ás 5.ªs feiras

Redação e Administração  
R. Diário de Noticias, 44, 1.º

SEMANARIO DE PROPAGANDA E DEFEZA DAS COLONIAS

## FOMENTO COLONIAL



MOÇAMBIQUE—Territorio de Manica e Sofala—UMA PLANTAÇÃO DE CANA DE AÇUCAR NO GUARAGUARA

# COLABORADORES

Albano A. Portugal Durão (antigo ministro), Maj. A. Cifka Duarte (Ex.<sup>mo</sup> Director da Aeronautica Militar), Dr. Alexandre de Vasconcellos e Sá (antigo ministro), Engenheiro Alfredo Augusto Freire de Andrade (antigo gov. colonial), Dr. Alvaro Xavier de Castro (antigo gov. colonial), Dr. Antonio Gonçalves Videira (Beira-Moçambique), Antonio José Pires Avelanoso, Alm. Antonio J. A. F. Pinto Basto, Major Antonio Leite de Magalhães (antigo gov. de distrito), Antonio Pinto Teixeira (antigo gov. de districto), Maj. Antonio Ribeiro de Carvalho (antigo ministro), Eng. Antonio Vicente Ferreira (antigo ministro), Dr. Armando Cortesão, Dr. Armindo Monteiro, Artur Tamagnini de S. Barbosa (antigo gov. colonial), Aires de Ornelas e Vasconcelos (antigo ministro), Cap. Carlos T. A. dos Santos, Dr. Carlos Amaro, Cap. ten. Carlos Pereira (antigo governador colonial) Eng. Carlos Roma Machado, Carlos Oscar da Silva, Eng. Carlos de Sá Carneiro, Al. Carlos Viegas Gago Coutinho, Dr. Constantino José dos Santos (senador), Dr. Egidio Inso, Alm. Ernesto Julio de Carvalho e Vasconcelos, Dr. Fernando Emídio da Silva, Maj. Francisco C. Aragão, Eng. Francisco da Cunha Rego Chaves (antigo ministro), Maj. Francisco Pedro Curado, Eng. Francisco Pinto da Cunha Leal (antigo ministro), Heitor Eugenio de Magalhães Passos (inspector escolar) Ten. Cor. Henrique Sátiro Pires Monteiro, Cap. Ten. Henrique Monteiro Corrêa da Silva (antigo governador colonial), Dr. João Camoesas (antigo ministro), Cap. João Guilherme de Menezes Ferreira, Cap. João Luiz de Moura, Ten. Cor. João Maria Ferreira do Amaral, Dr. João dos Santos Monteiro, Eng. João Tamagnini de S. Barbosa (antigo ministro), Gen. José Augusto Alves Roçadas (antigo governador colonial), Maj. José A. de Melo Vieira, Dr. José Benevides, Dr. José Caeiro da Mata, Cap. Ten. José E. Carvalho Crato, Dr. José O. Ferreira Diniz, Maj. José Tristão de Bettencourt, Luiz de Menezes Bragança, (India), Luiz Moita, Dr. Manuel de Brito Camacho (antigo Alto Commissario em Moçambique), Dr. Manuel Fratel, Manuel Ferreira da Rocha (antigo ministro); Mariano Machado (antigo director da C. F. de Benguela), Dr. Roberto Bruto da Costa (India), Paulino dos Santos Gil (Lourenço Marques), Tomé de Barros Queiroz (antigo ministro), Dr. Francisco Anaeteo da Silva (Senador por Macau).

## Aos nossos ex.<sup>mos</sup> assinantes

Tem sido muito irregular a publicação da "Gazeta das Colonias". Factores de varias ordens, todos independentes da vontade da Direcção, tem originado este mal, que esperamos fazer desaparecer em breve e do qual pedimos desculpa aos nossos presados Assinantes, com cuja boa vontade, tão necessaria, sobretudo agora em começo, continuamos a contar

# PARCERIA DOS VAPORES LISBONENSES

(Arrendatária das docas e oficinas do Porto de Lisboa)

Serviço permanente de reboques, salvamentos de navios e transportes fluviais de passageiros, bagagens e carga;

Aluguel de cábreas e outros aparelhos de força.

Trabalhos de sondagens e de mergulhadores.

Reparações de navios; limpezas, picagens (manual e a ar comprimido) e pinturas interiores, de costados e de fundos.

Pequenas construções navais (rebocadores, lanchas, batelões, salva-vidas, etc.).

Demais trabalhos navais de todas as especiali-

dades metalúrgicas, de soldadura, de carpintaria de branco e de machado, de calafetos, etc.

Montagens e reparações de instalações electricas a bordo.

Obras hydraulicas.

Fornecem-se:

a) Indicações técnicas, orçamentos e planos.

b) Materiais para todas as obras e trabalhos referidos.

c) Dispositivos especiais para embarcações destinadas ao serviço colonial.

d) Tintas próprias para climas e águas tropicais.

Administração Central: — Cais do Sodré — LISBOA

Telefones | C. 1926 | Administração e serviço de transportes  
| C. 2992 |  
| C. 1588 | Oficinas, docas e obras

Endereço telegrafico:

"DRYDOCKS,"

# AGENCIAS COLONIAIS

**F**OI decretada recentemente a extinção das Agências Gerais das províncias de Angola e de Moçambique, transferindo-se para o Ministério das Colónias, como sendo a única estação para tal competente, todos os serviços que aquelas agências se propunham realizar.

O facto em si passaria naturalmente sem qualquer reparo se não fossem as circunstâncias que o acompanharam e que não deixaremos de analisar.

A primeira das agências extintas, a de Angola, foi instituída por decreto do Alto Comissário em 19 de Maio de 1921, funcionando em Lisboa, desde pouco depois; a de Moçambique, criada em Janeiro de 1922, não chegou a iniciar os seus serviços.

Nestes termos, não poderia nunca a extinção levada a efeito ter por base a reconhecida ineficácia de tais instituições, visto que a agência de Angola funcionou notoriamente sem a menor espécie de fiscalização, que permitisse uma avaliação dos seus resultados, sobre os quais só agora se está inquirindo, e a de Moçambique nem sequer inaugurou a sua acção.

Outra foi pois a base da extinção e o diploma que a decreta define-a precisamente, denunciando «*que aos Altos Comissários não foi pelo Poder Legislativo concedida a faculdade de criarem Agências Provinciais.*»

Sendo assim, ou ao Governo da Metrópole passou despercebida a existência da Agência Geral de Angola, única que teve vida real, ou desconheciam a nulidade legal do diploma que a criou, ou então, numa completa abdicação, que nada explica, os governos consentiram que aquela Agência funcionasse livremente, sabendo bem que isso constituía um desrespeito pela Lei.

Postas de parte as primeiras hipóteses por inadmissíveis, ficamos em presença desta última, sem dúvida a peor. Isto é o que provoca o nosso reparo.

Instituída ilegalmente a Agência de Angola, funcionando fora da Lei, a quem cabe a responsabilidade dos seus actos, e dos seus contractos realizados não só com nacionais, mas ainda com estrangeiros?

Deve amanhã o Governo Metropolitano assumir a responsabilidade de qualquer acto praticado por uma instituição que não tendo existência legal, contractou como se a tivesse?

Pode o mesmo Governo declinar tal responsabilidade, defendendo-se com o próprio facto da ilegalidade dessa instituição, que aqui viveu ostensivamente? Evidentemente não pode.

Mas abstraindo mesmo das consequências que tal erro possa acarretar, basta o facto em si para justificar o nosso reparo.

A descentralisação administrativa das Colónias, não exclue pela propria lei que a estabeleceu, a fiscalização da Administração Colonial; essa fiscalização exerce-se, com maior et menor assiduidade, mas exerce-se; não poucas vezes, por virtude dela, têm sido anulados actos de Governo já começados a realizar; quantas vezes mesmo ela terá criado embaraços a providencias benéficas para a vida das Colónias. Sendo assim, porque não se exerceu essa fiscalização no caso sujeito, e não se opoz qualquer resistencia aquilo que era inicialmente uma ilegalidade e que poderia por isso mesmo tornar-se um perigo futuro?

Por poder ser causa de melindre para alguém, qualquer opposição que se exercesse? Não nos parece razão de peso, esta que põmos como hipótese, e não nos ocorre outra que tenha maior valor.

Poderá ser que a haja, mas enquanto ela não nos for demonstrada, continuaremos a pensar que os Governos, consentindo a vida duma instituição que a Lei não autorizava, não só deixaram de exercer um direito, mas faltaram ao cumprimento dum dever, estabelecendo com tal attitude um péssimo precedente.

E' este um processo que desejaríamos ver arredado da Administração Colonial, que para ser eficiente carece de ser liberta de quaesquer peias, que não sejam as que a propria Lei estabeleça.

## Administração Colonial Perigosa

**E**STA na tela da discussão o caso dos Altos Comissariados, enxerto feito na Constituição e nas bases da chamada Administração Civil e Financeira das Colónias, em que se pretendeu, sem critério, adotar o figurino britânico. Assim, as colónias portuguezas constituem organismos administrativos e entidades financeiras autonomas, regendo-se pelas bases codificadas no decreto n.º 7:008, de 9 de outubro de 1920, posteriormente modificadas, pela lei n.º 1:511, do ano de 1923, em um certo numero de pontos, sendo vulgar que a mesma base seja alterada por diversos artigos da lei, o que não abona a sua redação, feita sem método.

Ora as leis organicas da administração ultramarina n.º 277 e 278, de 15 de agosto de 1914, regendo, respectivamente, a parte civil e a parte financeira pouco, ou mesmo nada influíram na gerencia colonial, nem se teriam feito sentir os seus efeitos se não fôra os cinco diplomas do poder Central que as modificaram, destacando-se dentre elles as leis 1:005 e 1:022, de 7 e 20 de agosto de 1920, que foram as de mais larga e perigosa autonomia e descentralisação, e não teriam, por certo, inconvenientes graves se se atendes-

se ás modalidades que o modo de ser de cada colónia, com tão diversas características, exigia.

N'este ponto desprezou-se, por completo, a Constituição, porque ela evidentemente ordenava que se tivesse em especial cuidado essas diferenciações. E' o que deriva do seu artigo 67, que diz:

«As colónias portuguezas gosam, sob a fiscalização da metrópole, da autonomia financeira e de descentralisação, *compatíveis com o desenvolvimento de cada uma e regem-se por leis organicas especiais e por diplomas coloniais nos termos deste titulo.*»

Quer dizer que, em obediencia a este artigo, só cumpria, em atenção ao estado de desenvolvimento que cada colónia tinha, isto é, segundo o meio, a população europeia e nativa ilustrada, o seu grau de prosperidade, estado de civilisação, etc., formular a respectiva lei organica, adaptada a essa determinada colónia e dentro dos principios gerais constantes do titulo V da Constituição e muito especialmente de harmonia com o § 1.º do art. 67-B, que estatue:

«A competencia legislativa dos governos coloniais exerce-se sob a

fiscalisação da Metrópole e com o voto dos conselhos legislativos, onde haverá representação local *adequada ao desenvolvimento de cada colónia.*»

Todas as modificações posteriores ás leis 277 e 278 e outras disposições correlativas, estão codificadas num diploma, a que acima se faz referencia, por onde tem de reger-se a administração geral das colónias. E' ele um diploma rigido, sem modalidades apropriadas a cada colónia e a que se chamou *Bases Organicas* dessa administração.

Desta forma, a colónia de Angola, a mais vasta de todas as nossas provincias ultramarinas, tem de administrar-se em obediencia ás mesmas regras que a colónia de Macau, com 83:984 habitantes e que, bem se pode dizer, é quasi constituída por uma cidade.

O elemento chinês, representado por 79:807 individuos, fica subordinado aos mesmos principios administrativos do que os povos bantús de Angola; quere dizer um mongol é igual a um ethiophe. Angola é uma colónia que bem se pode classificar como dos tres tipos de colonisação: comercial, plantação e população, enquanto que Macau é uma colónia de commercio china e de funcionarios.

E' evidente que, obedecendo ambas aos mesmos principios administrativos, servidas pelas mesmas classes do funcionalismo designado nas bases, não se regem segundo as normas do art. 67.º da Constituição.

Outro exemplo, para melhor acen-tuar o pouco cuidado com que se le-gislou para as colónias.

A colónia de S. Tomé e Príncipe, a que está adstrito o Forte de S. João Baptista de Ajudá, com o seu *sarame* português, encravado na colónia francesa do Dahomé, é admini-strada civil e financeiramente como Moçambique. Ora a *provincia* de S. Tomé e Príncipe, é, pode bem dizer-se, uma grande plantação de que se extrae principalmente *cacau*, *café* e *coconote*. Estamos, portanto, em frente duma colónia tipo plantação ou fazenda, na qual se importa qua-si toda, senão toda, a mão de obra de Angola, ou ainda de Moçambi-que, quando voltar uma aragem de bom senso.

A sua população compõe-se de poucos nativos, que são o remanes-cente dos primeiros colonos, começa-do a introduzir na ilha de S. Tomé por Alvaro de Caminha, dos ser-viçais contratados segundo o respec-tivo regulamento e dos europeus que dirigem as plantações. Emquan-to que Moçambique, de que mais de metade dos seus 760:000 kilometros qua-drados de superficie, é adminis-trada pelas companhias com direi-tos de soberania, explorando e admini-strando os territorios de Manica e Solada ou do Nyassa, é povoada pelas raças macua, mocaranga, vatu-a e tonga, com características inteiramente distintas dos nativos e serviçais de S. Tomé, contratados por um ano. E', propriamente, uma colónia de transito de que o porto de Lourenço Marques é o mais im-portante dos administrados pelo Es-tado. Na cidade, que ele serve, ha já um nucleo de população branca e para ali convergem alguns colonos na sua maioria analfabetos ou de uma muito rudimentar instrução. A principal occupação dos europeus e dos banianes escalonados pelos por-tos, é o commercio. Na Zambesia, por-ém submetida durante longos anos ao regimen dos Prazos, ha algumas plantações de que as mais importan-tes são as da Companhia da Zam-bezia, do Boror, Mopeia e do Luge-la, para só falarmos das que estão nos territorios sob a administração do Estado. Pois como assim é, as duas provincias ultramarinas admini-stram-se segundo as mesmas nor-mas do decreto 7:008 e lei 1:511!!

Timor, que só ha meia duzia de anos ou pouco mais, está completa-mente occupado, Cabo Verde, India

com os seus tres distritos, sem con-tinuidade territorial, povoada de in-dús, e Guiné, estão no mesmo caso, sem ter-se tido em consideração o respectivo desenvolvimento de cada uma destas colónias e as suas dife-renciaciones.

Quere dizer a legislação posterior a 1914 considerou todas as colónias num perfeito pé de egualdade, que elas não possuem, nem pela sua si-tuação geographica, politica e eco-nomica, nem pelo seu grau de civi-lização e desenvolvimento.

E' certo que cada um destes orga-nismos pode e deve bastar-se a si proprio, se para cada um deles mon-tarmos a maquina administrativa que ele possa comportar, mas não foi isto que se fez; muito pelo con-trario se procedeu.

Essas colónias, não estando todas no mesmo grau de maturação, é cla-ro que se lhe não deveriam ter apli-cado iguaes poderes que elas não comportavam, facultando-lhes meios para poderem talhar á larga a dis-tribuição dos dinheiros publicos que, em algumas, chegou até á criação de dividas coloniais.

Nas circunstancias economicas e financeiras em que a Metropole se encontra, é para nós uma grave pe-rigo a criação da *divida colonial* a que, atravez dos tempos, haviamos resistido, mantendo integro o nosso cubição patrimonio colonial.

Nalguns casos, á divida colonial são consignados os rendimentos da colónia.

Para melhor se estudar a outorga da autonomia administrativa ás colónias, poremos em equação as res-petivas despesas e receitas globais, antes dos diplomas a que acima fi-zemos referencia, sobretudo depois da promulgação do decreto n.º 7:008 de 9 de outubro de 1920. Escolhe-mos para isso os periodos de antes

da guerra, finda esta, e os da vigen-cia das Bases da Administração Ci-vil e Financeira das nossas provin-cias ultramarinas, tão diferentes entre si.

Para lastimar é que os orçamentos de que podemos dispôr, não abran-gessem todos os anos economicos desde 1913-1914 até 1923-1924. Com-tudo, do estudo que fizemos tiram-se os resultados que resumidamente passamos a expôr:

No ano de 1913-14, precedente á Guerra, e, portanto, anterior á con-cessão da larga autonomia, a despeza total das colónias era de 16:979 contos e a receita 12:867 contos, sendo o «deficit» global de 4:112 contos, devendo notar-se que havia algumas colónias com saldo positi-vo, como por exemplo S. Tomé e Macau, mas depois da influencia da applicação das leis posteriores, a que fizemos referencia, essa despeza ele-vou-se a 238:118 contos e a receita subiu a 82:762 contos, o que representa um «deficit» de 155:356, a que se pretende fazer face com os decantados emprestimos para Ango-la e Moçambique, convido obser-var, em abono da verdade, que só o «deficit» de Angola é de 150:538 contos, emquanto que o de Moçam-bique é apenas de 222 contos.

E' uma teoria financeira para que nos falta a competencia!?

O que é um facto, em coisa algu-ma abonatório dos Altos Commissaria-dos, é estarem os Governadores, ge-rindo interinamente as duas gran-des colónias, entrando no bom cam-inho, suprimindo despesas super-fluas e simplificando serviços. Que-re dizer, estão tentando dar ás duas colónias a administração que elas comportam. Para que, então, os Altos Commissariados?

Ernesto de Vasconcelos.

## CAMINHOS DE FERRO

**E'** muito conhecida de todos os que se interessam pelas colonias, a grande importancia que nelas tem a existencia das linhas ferreas, o que levou Cecil Rhodes a dizer que para a pacificação e occupação das regiões insumissas no grande Continente Africano, tinha mais importancia um par de carris do que uma peça de artilharia.

Em regra os governos em Portugal, nunca se quizeram convencer dessa verdade, alegando sempre difficulda-des financeiras, o que era facilmente contestado, gastando quantias fabulo-sas, que chegariam bem para a cons-

trução de todas as linhas necessarias, logo que qualquer perturbação da or-dem: obrigava a mandar expedições militares.

Todos conhecem os desastres nas expedições ao Sul d'Angola, em que se gastaram somas fabulosas, concorren-do para a ruina em que nos encontra-mos, onde os nossos gloriosos solda-dos muito sofreram e morreram, como morreram dezenas de milhares de indigenas, que representam incontestavelmente a maior riqueza da colónia.

Todas essas desgraças teriam sido evitadas, se a linha de Mossamedes ti-

vesse avançado, como ha muitos anos a colonia solicitava com o maior empenho e anciedade.

Quem estas linhas escreve, ao ponneher o desastre da expedição do malogrado governador Aguiar, no Cuanhama, sabendo as intenções do então Ministro, General Manuel Gorjão, de mandar uma nova expedição áquelas inhospitas paragens, onde não havia agua nem estradas, nem pastos para os muitos bois de tiro dos carros boers, foi lemlrrar, implorar, áquele ministro, que era engenheiro e colonial, que mandasse de preferencia algumas companhias de engenharia e 300 kilometros de rails, pois era bem conhecido nunca se terem dado revoltas indigenas, em regiões servidas por linhas ferreas.

A linha não foi prolongada, as expedições continuaram, umas mais cáras que as outras, até que chegou a invasão alemã, que obrigou a nova expedição, que por falta de meios de comunicação não conseguiu atingir a zona da fronteira sul, em litigio com os alemães, litigio que a União Sul Africana mantem, ocupando esses territorios.

A construção das linhas ferreas nas colonias portuguezas, merece naturalmente um pouco de historia, para se mostrar os inconvenientes que tem resultado da infeliz politica ferro-viaria, seguida até hoje, e para delignciarmos concorrer quanto possivel para que de futuro se mude de orientação.

A unica intenção que nos anima ao apresentar o triste quadro que vá seguir-se, é a de concorrermos, se for possivel, para que se não reincida nos graves erros, que vém de longe, e para que se estude o remedio pronto a opór ás suas consequências, as quais, ferindo profundamente o nosso decóro de nação colonisadora, constituem ainda um importante prejuizo para a nossa economia.

Os quilometros em exploração nas diferentes colonias são:

India .....	82 kilometros
Moçambique .....	1331 "
S. Tomé .....	14 "
Angola .....	1428 "
	<hr/>
	2855 "

Não é muito para colonias, cuja área total representa 24 vezes a área do Continente, mas sempre é alguma coisa, que me leva a lamentar o desanimo daqueles que inconscientemente dizem nada termos feito nas nossas colonias, fazendo propaganda do seu desanimo, quando na verdade para um paiz pobre como Portugal, que até agora não recorrera ao estrangeiro para empréstimos com a garantia das suas colonias, representa um esforço

muito apreciavel tudo quanto se tem feito, em relação a linhas ferreas, portos, estradas e trabalhos de occupação, agricultura e assistencia aos indigenas.

Mas se é certo que alguma coisa temos feito, não é menos certo que muito mais poderiamos fazer, se a nossa administração não se afastasse tão frequentemente daquilo que o bom senso aconselha como se verá pela analyse que vamos fazer, considerando isoladamente cada um dos componentes da nossa rede ferro-viaria colonial.

*Caminho de Ferro de Mormugão, 82 kilometros, West India Portuguese Railway Ltd.* Foi aberta á exploração em 3 de fevereiro de 1888.

O governo portuguez tem pago para uma linha de via reduzida de 1<sup>m</sup> garantias de juro desde 1888 até hoje, £ 2.572.772.21, ou seja por kilometro a bagatela de £ 31.375!! e como continuará a pagar, tem o governo a contar nos seus orçamentos com 600.000 rupias ou mais de 7.000.000\$00, por ano!

Inutil procurar os responsaveis de um tão monstruoso crime financeiro; a unica coisa a aconselhar ou a solicitar aos governos, é o estudo por pessoas competentes, ou autorisadas na especialidade, dos muitos trabalhos e relatorios que devem existir dos governadores da India, Directores da fiscalisação do governo junto dessa companhia da Europa.

Fazemos para isso um patriótico apelo aos Srs. Presidente do Ministerio, Ministro das Colonias e Ministro das Finanças, pois deve merecer a pena ver se podemos livrar o paiz deste cancro, que assim conceorre para mais agravar a situação financeira, sobretudo se atendermos a que os pagamentos são feitos em ouro!

*Caminho de Ferro de Lourenço Marques a Ressano Garcia, 89 kilometros, via 1<sup>m</sup>.067, peso 45 kilos, por metro de carril, aberto á exploração em Março de 1890.*

Segundo o relatório do engenheiro L. Galvão, Inspector Obras Publicas e Caminhos de Ferro em Moçambique (1918), o custo da linha estava computado em £ 3.678.734, as obras do porto, complemento da linha ferrea em £ 1.352.866.

Sabemos que o governo pagou aos representantes dos governos inglez e americano em 20 de novembro de 1900 £ 1.300.000, segundo a resolução tomada na arbitragem de Berne.

A linha tinha então 68 kilometros, bem mal construidos, sem oficinas dignas desse nome, com pontes que tiveram de ser substituidas, sem material circulante apropriado, etc.

Não podemos pensar em procurar os responsaveis de um tal descabro!!  
*Loanda a Lucala, 364 quilometros, via de 1<sup>m</sup>, pezo 20 kilos por metro, aberto á exploração por diferentes troços de 1889 a 1899.*

Os governos tem pago até hoje como garantia de juros 17.261.798\$00, e continuam pagando todos os anos cerca de 490.000\$00, tendo pendente escandalosos processos, por o governo ter tomado conta da linha, sem se sujeitar á arbitragem, e ainda porque exigem pagamento desses juros em ouro, ou ao cambio do dia, terrenos, etc.

Como se vê só a garantia de juros representa 47.422\$00, por kilometro, para uma linha reduzida de 1<sup>m</sup> de carris de 20 e 22 kilos!

Estão sendo feitas variantes que encurtam o trajecto, cerca da 90 quilometros, substituindo os antigos carris por material de 30 ks. por metro. Foi concluido o primeiro desvio de Loanda a Catete em julho de 1924 esperando a Companhia Geral de Construções, com quem foi contratada a empreitada geral, concluir a 2.<sup>a</sup> variante em novembro de 1924, e finalmente a 3.<sup>a</sup> de Zenza do Stombe ao Luinha em novembro de 1925.

Proseguiremos nesta rapida resenha, cujo fim é fazer ver aos governos, os graves perigos de contractos com empresas estrangeiras, representantes de paizes fortes, que por mais aliados que sejam, defendem sempre, com calor, e não raramente com violencia, os interesses dos seus subditos.

Assim, enquanto é tempo, usamos chamar a atenção dos governos e do Parlamento para os empréstimos mais ou menos garantidos pelas colonias, e pelo Parlamento, feitos no estrangeiro.

Chamamos a sua especial atenção para os contractos feitos para a construção dos Portos do Lobito, Loanda e Congo (Zaire) com os empreiteiros Pauling & C.<sup>o</sup>, Griffiths & C.<sup>o</sup>, e A'mstrong, contractos feitos em Angola, cujos termos não nos consta que tenham sido publicados.

MARIANO MACHADO

Quando as febres palustres deixam de obedecer ao quinino, deve empregar-se a «Paludina», que dá excellentes resultados nas febres palustres-biliosas e perniciosas. Pedir instruções a «Sanitas»—T. Carmo, 1—Lisboa.

Companhia Nacional  
DE  
PRODUTOS COLONIAIS, L.<sup>DA</sup>  
Rua dos Fanqueiros, 15—LISBOÁ  
*Tr.nsações sobre cacau,  
café, cera, coconote e couros*

# SOCIEDADE ANGOLA E CONGO, LIMITADA

(Junção das firmas BERNARDO, RAPOSO & C.<sup>a</sup> L.<sup>a</sup> e QUINTINO, SANTOS & C.<sup>o</sup>)

Sede—RUA DO OURO, 50, 2.<sup>o</sup>—LISBOA—Telefone: C. 3922

DEPENDENCIAS EM AFRICA

LOANDA — CATETE — CASSONECA — LANDANA

IMPORTADORES E EXPORTADORES

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Os maiores exportadores de algodão, em Angola. Os principais exportadores de oleaginosas, em Landana (Congo),  
Exportação geral de todos os outros generos coloniais.

Grandes lavras de algodão nas regiões de CATETE e CASSONECA com fabrica de desgranamento em Catete e ensacadeira própria para exportação de milho

LOANDA — Rua Alfredo Trony

TELEFONE: 62

Endereços telegráficos: ANGOCONGO

Referências: BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

## COMPANHIA ESTRELA-FARIM

(GUINÉ PORTUGUEZA)

Sociedade Anonima, de responsabilidade limitada, com o capital de Libras 40.000, na qual todas as transações serão feitas em ouro ou valores imediatamente convertidos em libras, destinada á exploração agricola, industrial e comercial da propriedade Estrela-Farim

Séde—Rua Ivens, 25-1.<sup>o</sup>—Lisboa

A **Compahnia Estrela-Farim** dispõe na Guiné Pprtuguesa duma propriedade de excepcional importancia e de elementos do maior valor para a sua administração.

Tem uma superficie de 25.000 bectares de terreno magnifico e está já enriquecida: Com cêrca de dois milhões do palmeiras, produtoras de coconote. Com quantidade consideravel de aviores de excelentes madeiras, sobretudo mogno e pau rosa.

Esta propriedade é marginada pelo rio Cacheu, numa extensão de 11 kilometros com a importante vantagem do rio ser ali de agua doce e navegavel para barcos ate 1.000 toneladas, o que assegura o transporte para a Europa em 7 dias sem dependencia de transportes terrestres. A abundancia de agua doce aconselha a cu tura da cana de açúcar que nesta região é já largamente aproveitada.

Outras importantes explorações poderão ser realizadas. Já se está tratando da cultura do tabaco e gergelim, ensaiada ha um ano com bom resultado.

Então construidas casas para habitação e armazens e dispõe-se de maquinas agricolas e de pessoal devidamente escolhido para os serviços agricolas e comerciais.

A fiscalização será constante e intensa, e está garantida a mão de obra indigena.

As condibões da subscrição são as seguintes:

a pronto prgmento . . . . .	Esc. 100\$00 por acção de L 1
em prestações . . . . .	Esc. 130\$00 por acção de L 1
1. <sup>a</sup> prestação de . . . . .	Esc. 35\$00 no acto da subscrição
2. <sup>a</sup> » de . . . . .	Esc. 35\$00 até 31 de Julho de 1924
3. <sup>a</sup> » de . . . . .	Esc. 33\$00 até 31 de agosto de 1924

A subscrição está aberta na séde (rua Ivens, 25-1.<sup>o</sup>), e nos seguintes estabelecimentos bancarios e suas agências:

*Banco Aliança, Porto*

» *Continente e Ilhas, Lisboa*

» *do Cedito Nacional, Lisboa*

» *Espirito Santo, Lisboa*

*Banco Industrial Portugues, Lisboa*

*Nacional Ultramarino, Lisboa*

*Casa Bancaria Fonsecaas Santos & Viana, Lisboa*

» » *A. Piano Junior & C.<sup>a</sup>, Lisboa*

**Assembleia Geral**—Presid.; *Visconde de Santarem, prop.*; Vice-pres.; *Francisco José Vieira Machado, adv.*

**Conselho de Administração**—Efectivos: *Francisco M. da Costa Lobo, professor da Universidade e Levy Marques da Costa, advogado.* Administradores delegados: *Carlos Henrique, oficial da armada e Raul Queimado de Sousa, oficial da armada.* Suplentes: *Antonio da Costa Carvalho, proprietario; Fernando Augusto Vieira de Matos, oficial da armada e José M. de Queiroz Veloso, professor da Universidade de Lisboa.*

**Conselho Fiscal**—*José Augusto Ferreira Lopes, oficial do exercito e Eduardo Couto Lupi, oficial da armada.*

# Cabo-Verde

## OS CABOVERDEANOS NA COLONISAÇÃO PORTUGUESA

**N**AS «Singularidades de uma rapariga loura», referindo-se a Cabo Verde, Eça de Queiroz fala em caravanas atravessando extensões inospitas e creio que até, por uma reminiscência de leituras de viagens no deserto alude a areias sem fim, onde a raiva do simoun semeia de brancas ossadas a negridão da areia.

A descrição do Eça não é mais do que um reflexo do que na maioria das nossas classes dirigentes, se conhece das Colonias.

Ha bem poucos dias, um politico, aliás inteligente, e bastamente culto, referindo-se a uma estadia minha no arquipelago, afirmava:—nessa ocasião estava você no Equador.

Conhece-se Cabo Verde pelas suas crises de fome, criando na nossa historia colonial parentesis sombrios, onde como numa paisagem de Wells, vive uma torturante visão de pesadelo. Conhece-se Cabo Verde pelo cronico calote da Metropole, quanto aos rendimentos das taxas telegraficas, e alguns homens mais classicos, mais eruditos, sabem que o Candido de Voltaire sofreu do seu optimismo em S. Vicente de Cabo Verde.

E, no entanto, Cabo Verde, é uma Colonia tipo, onde a fixação da raça branca ha seculos se exerce, e onde uma raça, raça portuguesa, com uma historia feita de miseria e de entranhado patriotismo, se tem afirmado, e expandido, estabelecendo Colonias, na Guiné, na America do Norte, em Dakar, etc.

Quem é que sabeque em 1580 a ilha do Fogo, se recusou a reconhecer a dominação dos Filipes, e só em 1583, apagados os ultimos ecos da reacção patriotica, recebeu o perdão, de que foram excluidos os cabecilhas, que no entanto por lá viveram, medraram, e pereceram de morte natural, acarinhadados e defendidos por uma atmosfera de admiração e cumplicidade?

Quem é que conhece a historia da Colonisação da Guiné feita pelos Cabo-

verdeanos, e por eles sustentada, numa luta titanica com o gentio indomito e com o estrangeiro cubicoso? No entanto, para bater as pretensões inglesas sobre Bolama, capital da provincia, o marquez de Avila e Bolama, exhibiu, como prova justificativa da occupação portuguesa, os documentos

Caboverdeana na Guiné. Falha-ma agora a memoria dos nomes de meiduzia de Caboverdeanos, que acudindo ao apelo dum Governador, deram todo o dinheiro necessario para a reconstrução de fortalezas que a ausencia de recursos financeiros deixou desmantelados, colocando a Colonia nas-



Manifestações á chegada do Governador, Dr. Julio de Abreu a S. Vicente—21-6-924

da acção caboverdeana, e quando a Inglaterra punha em duvida a qualidade portuguesa dos occupadores a nossa diplomacia, inlimine regeitava que se pudesse por em duvida essa qualidade áqueles, que comandados por um sargento mestiço, por tres vezes içaram a bandeira portuguesa, que os occupantes arriavam. E se por fim a bandeira inglesa foi hasteada, já o pobre sargento, ferido, espinhado, jazia amarrado no porão do vaso de guerra britanico.

Tem resonancias épicas de amor patrio, essa obra feita de suor e de sangue, que durante seculos deu ao Maranhão os braços para o seu desenvolvimento. Tem actos de desinteressado devotamento a historia da Colonisação

cente sob o dominio ultrajante do gentio.

Ha um rumor de combate, um resfolegar cansado e exhaustivo, na penetração pelos sertões, na conquista astuciosa de posições interiores garantindo o trafico e a soberania. Ainda ha restos de sangue nas inumeras historias de fortalezas arrasados pelo preto mais indomavel de toda a nossa Africa; teem clamores de epopeia, as defesas individuais e colectivas que os Caboverdeanos fizeram nessa Colonia, que adquiriram e conservaram para a nossa soberania, como a mais rica e de mais possibilidades economicas immediatas.

Desconhece-se a obscura historia tragico-maritima, que os marinheiros

da provincia, e especialmente os da ilha Brava, vão, dia a dia escrevendo, mantendo a nacionalidade na America do Norte, da Colonia Caboverdeana, dessa productiva e pacifica Colonia que ha bem poucos dias, mereceu do meu querido amigo e heroico mari-

deles com 40 e 50 toneladas, os marinheiros da provincia, humilde, obscuramente, vão vivendo uma audaciosa tragedia, onde por vezes, epicamente, o burlesco resalta, como dos herois do Homero, casando a morte com o largo riso de lobos de mar.

ferencia da Corte, se tinham desviado todas as suas relações economicas?

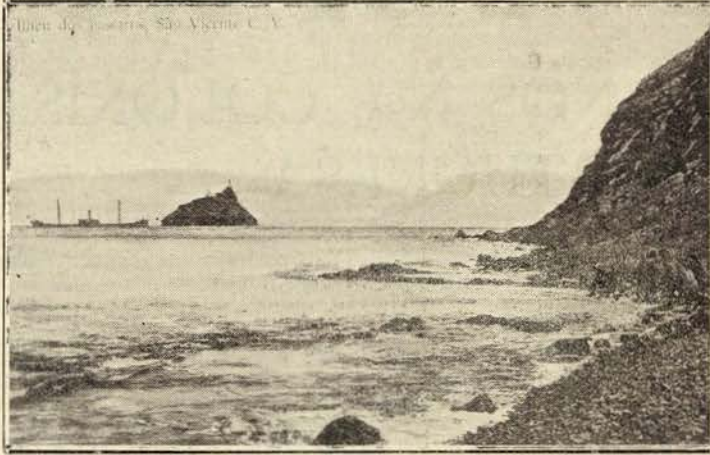
Quasi ninguem. Creio que ninguem. Talvez muita gente não saiba até, que essa *morna* tão espalhada hoje, pelos salões, é uma criação Caboverdeana, e que a letra de algumas delias é da mais alta concepção poetica. E a morna, mais do que o *fado*, é a expressão rithmica da saudade.

A poetica Caboverdeana tem um um Mistral, Eugenio Tavares, que da sua Thebaida da ilha Brava, a linda Brava, das mais lindas mulheres, lança de vez em quando, sobre a provincia, a harmonia e o encanto das suas canções, em que a alma sentimental do seu povo, tem por vezes laivos de generalidade.

Eugenio Tavares é o primeiro que do dialecto creoulo fez um instrumento literario, e com José Lopes, e tantos outros, vão creando uma literatura.

Em vez de um artigo meditado e soléne, sobre o problema economico de Cabo Verde, eu respondo ao amabilissimo convite da «Gazeta das Colonias» com as ligeiras divagações que ahí vão. Seja-me isso relevado á conta do muito amor que tenho ao meu arquipelago, que eu desejava fazer mais conhecido pela sua historia feita de patriotismo e obscuro sacrificio do que pelas suas possibilidades economicas que são mais do que comunmente se julga.

CARLOS DE VASCONCELOS.



Um aspecto do porto de S. Vicente

nheiro Agatão Lança, em pleno Parlamento os mais entusiastas encomios.

Em velhos navios abandonadas pelos armadores americanos, (que os seus recursos para mais não dão) alguns

Quem é que, em Portugal, conhece esse gesto nobre dos Caboverdeanos, a quando da independencia do Brasil recusando acompanhar o imperio nascente, para onde, contudo, com a trans-

## SOUSA MACHADO & C.<sup>A</sup>

SEDE EM LOANDA

ANGOLA--CABO VERDE—GUINÉ—LISBOA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

:: PRODUTOS COLONIAIS ::

:: CEREAIS DE ANGOLA ::

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Representantes privativos na Africa Ocidental Portuguesa da:

**FORD MOTOR COMPANY**

E. U. A.

Representação e Importação exclusiva de carros de turismo, camionetes, tractores FORDSON, accessorios e sobressalentes

:: FILIAL EM LISBOA ::

RUA GARRETT, 62, 2.<sup>o</sup>

FILIAIS NO:

**LOBITO  
HUAMBO**

END. TELEGRAFICOS:

PARA ANGOLA—SOMA  
PARA LISBOA—SEGUE



# Guiné



O governador da Guiné  
CORONEL VELEZ CAROCO

A recente notícia de uma rebelião de indígenas na Guiné veio sobressaltar o animo de todos aqueles que a esta colonia estão ligados por quaisquer laços. Felismente pouco tempo decorreu entre o conhecimento de tal occorrença e a noticia de que a normalidade se havia restabelecido, cessando assim as apreensões dos que podiam receber um regresso áquela turbulenta fase da vida da Guiné, serie quasi continua de rebeliões, sufocadas á custa do sacrificio de muitas vidas e haveres.

Tal facto deve ser hoje considerado como impossivel. Se a indole caprichosa dos negros pode originar incidentes, como este de que se teve conhecimento, não poderão eles no entanto assumir uma grande gravidade, visto que a Guiné está hoje sob um regimen de administração perfeitamente equilibrado, baseado no conhecimento da colonia, no respeito dos direitos e dos deveres e numa grande vontade de bem servir.

Envolvem estas palavras um claro louvor a quem tem a seu cargo o Governo da Guiné; são merecidas e porisso as escrevemos, não por adulação, que está fora dos nossos processos, mas por amor á verdade e por justiça, que não regatearemos a ninguém.

O Governador da Guiné, sr. Coronel Jorge Frederico Velés Caroco, tem o seu nome ligado a uma administração honesta, criteriosa e energica, á qual se deve uma grande parte do acentuado progresso da Colonia.

O fomento da Colonia tem lhe merecido os maiores cuidados, adotando uma politica de protecção ao Comercio e á Agricultura, sem a qual as excepcionais riquezas da Guiné deixariam de ser eficazmente valorizadas.

A Guiné de hoje, com milhares de kilometros de estradas, algumas pontes; a telegrafia sem fios, com uma estação de grande poder em Bissau e duas outras de menor potencia em Bolama e na Ilha de Bubac nos Bijagós, tem as suas comunicações internas perfeitamente asseguradas.

Para estes melhoramentos, tem

contribuido largamente o esforço do Governo da Provincia.

A attitude do Coronel Velés Caroco em presença da rebelião a que em começo nos referimos, indo elle proprio á frente das forças, que entendeu dever mobilisar, é uma prova de energia que põe no seu Governo e do respeito que lhe merecem a farda e as condecorações que usa.

Assim, em ligeiras palavras, ficam registados os sinceros louvores que nos mereço a obra do Governador Velés Caroco e para os quais não nos deixamos influenciar pela estima pessoal que lhe dedicamos.

A melhor forma de os Poderes Públicos lhe reconhecerem os serviços prestados, é facilitar-lhe a sua ardua missão, promovendo que á Guiné sejam dados os elementos que o seu constante desenvolvimento exige.

## O desenvolvimento da provincia

Para o tornar possivel impõe-se a criação duma carreira regular a navegação.

Segundo os mapas publicados no anexo ao Boletim Oficial da Guiné de 28 de Junho de 1924 o movimento comercial do 1.º semestre de 1923 foi superior ao de igual periodo de 1922 de 15.103.634\$35 e os direitos e impostos tambem nos referidos periodos de 271.782\$19.

A importação no 1.º semestre de 1923 foi, numeros redondos:

Nacional em navios nacionais.....	5.121 contos
Estrangeira em navios nacionais.....	1.451 »
Estrangeira em navis estrangeiros.....	1.440 »

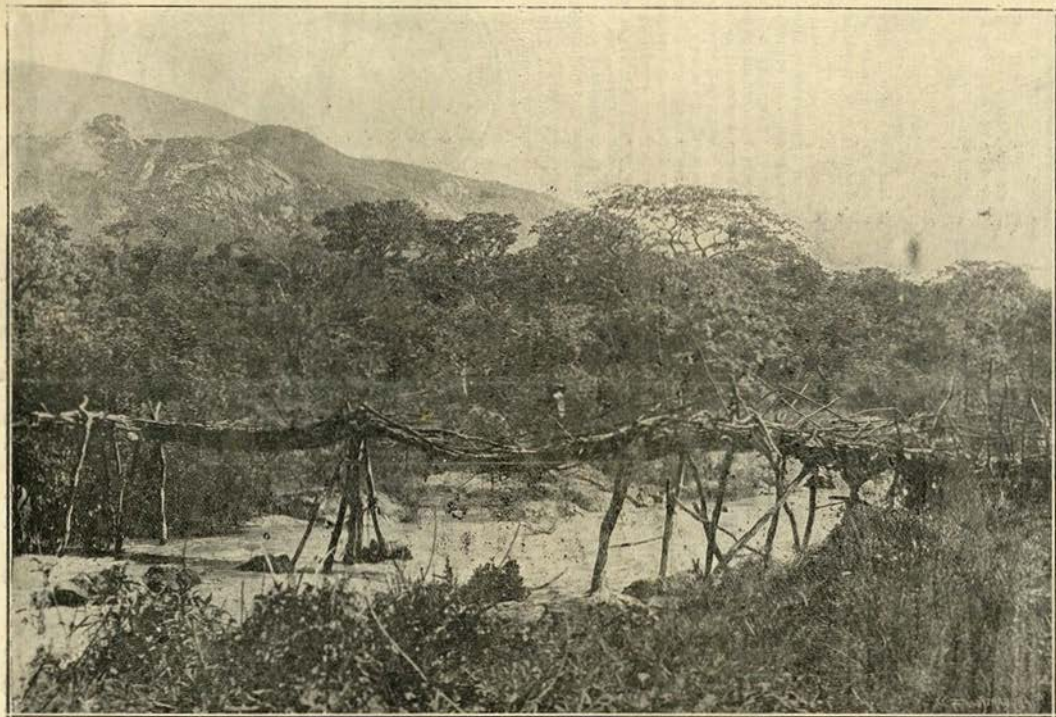
A exportação no mesmo periodo foi:

Para portos nacionais.....	10.994 »
» » estrangeiros.....	5.117 »
» mantimentos de navios.....	348 »

O movimento da navegação de longo curso nos 2 portos de Bolama e Bissau no 1.º semestre de 1923 foi o seguinte;

Bolama	Portugueses	11	—	22.000 toneladas
	Alemães	1	—	1.642 »
	Gregos	1	—	1.538 »
Bissau	Portugueses	21	—	26.000 »
	Alemães	11	—	20.000 »
	Americanos	2	—	4.000 »
	Franceses	5	—	396 »
	Inglese	5	—	10.000 »
	Gregos	3	—	4.000 »
	Noruegueses	3	—	3.338 »

Destes simples numeros vê-se o desenvolvimento da Colonia e a necessidade que ha de o acompanhar, para o que é indispensavel estabelecer uma carreira regular entre a Metropole e a Guiné, como temos aqui insistido.



ANGOLA.—Ponte indigena no planalto



# Angola

## Contribuição para o estudo do clima do planalto de Angola sobre o ponto de vista meteorológico e médico

**D**ESCREVER o planalto de Angola parece-me ser tarefa desnecessária tanto essa descrição se tem banalisado; entretanto como é a elle que este trabalho se refere, algo sobre ele terei de dizer.

A partir do litoral para o interior, e a uma distancia variavel que em regra não vai além de 100 kilometros, eleva-se em salto mais ou menos abrupto um enorme planalto, que vai em comprimento do extremo sul da provincia até á região de Malange; e em largura até ao extremo léste da provincia, onde não é raro encontrar altitudes superiores a mil metros. A altitude maxima de 2.000 metros encontra-se no extremo W do planalto é é a começar ahi, caminhando para léste, que se encontra a região suscetivel de colonisação e adaptação da raça branca, região que em regra não excede 2,5 graus para cada um dos dois planaltos de Mossamedes e Benguela. Mas mesmo dentro desses limites encontram-se regiões improprias para a colonisação, sendo as melhores as que vão de 1.500 a 2.000 metros de altitude.

Por conveniencia da descrição costuma-se dividir o planalto em 3 zonas: a do Sul ou do planalto de Mossamedes, a Media ou de Benguela, e a Norte ou de Malange. A primeira é nitidamente amparada por um muro de granito com 1.000 a 1.500 metros de altura; é a chamada Serra da Chela.

Partindo de Mossamedes o terreno vai suavemente subindo até atingir a cota de 500 metros, encontrando-se então a muralha granitica que pela sua verticalidade causa calafrios aos que pela primeira vez pretendem galgar a pé. Caminhando para o Norte a configuração orografica modifica-se, visto que o aspecto de serra vai desaparecendo para dar lugar a uma série de montes que se vão multiplicando de modo a, na altura de Benguela, darem lugar a uma série de elevações que, dispondo-se em degraus, formam socacos, com altitudes que vão até 1.000 metros, constituindo a *zona intermedia* ao litoral e planalto que, como no Bucóio e Balombo, etc. são tambem suscetiveis de colonisação.

A diferenciação orografica desta zona intermedia vai-se esbatendo á medida que caminhamos para o Norte, e á medida tambem que as altitudes do planalto vão decrescendo, até se atingir o planalto de Malange ou do Norte, onde as altitudes em regra não vão além de 1.300 metros. Nem toda a enorme região planaltica, cuja superficie excede 100.000 kilometros quadrados, se presta para colonias de povoamento; mas toda ella é suscetivel de colonias de exploração. As zonas colonisaveis pela raça branca e onde desde já se pôde afirmar a sua adaptabilidade sem degenerescencia dos seus caracteres racicos, fazem parte dos planaltos de Benguela e Mossamedes; mas em altitudes que vão de 1.500 e a 2.000 metros e em areas respectivamente de 45.000 e 11 a 12.000 kilometros quadrados. Escusado será dizer que nesta enorme area só temos um arremêdo de colonisação no districto da Huila nas colonias Sá da Bandeira (Lubantata) Humpata e Chibia; e no planalto de Benguela algu

mas em inicio que ladeiam a linha ferrea e que nada mais sao, por enquanto, do que pontos de confluencia do indigena para a permuta dos seus productos agricolas com as esças commerciaes que ali se estabeleceram. arrastadas pelo caminho de ferro; existindo entre ellas a Cidade de Huambo e, para lá do terminus actual da linha no Chinguar, a Vila Silva Porto com um razoavel desenvolvimento comercial e agricola.

Se quando se levantou a campanha contra a concessão Williams para a construção do caminho de ferro do Lobito, com o pretexto de que esta linha ia contribuir para a desnacionalisação do planalto, o governo corajosamente a enfrentasse e tomasse a sério o problema da colonisação, de modo a que quando o caminho de ferro chegasse ao planalto já lá encontrasse colonias montadas com productos da terra a exportar, não se veria agora essa coisa triste de a linha ferrea atravessar regiões incultas, limitando o seu trafego quasi ao milho que o indigena cultiva. E' que ainda não se tinha de todo obliterado do espirito dos dirigentes o principio erroneo, que durante tanto tempo fez época, da supremacia das metropoles, pondo as colonias num plano secundario com suas subsidiarias.

Que a raça branca encontra nestes pontos as condições climologicas necessarias para prosperar, prova-o o nucleo Boer que em 1880 se instalou no planalto de Mossamedes e em 1891 no de Benguela, onde, apesar (ou talvez por isso mesmo) da sua vida nomada e pastoril e sem confortos, tem prosperado com uma fraca taxa obituaria e uma grande prolificidade, com diminuto obituario infantil. No meu segundo estadio no planalto de Mossamedes em 1895-98 averigui, servindo-me de dados officiais, fornecidos pelo padre Boer, que a mortalidade geral entre eles era de 8,1 por 1 0/00. Uma população de 929 habitantes deu na Humpata uma media anual de 7,6 obitos e 29,6 nascimentos, isto num periodo de 16 anos. A colonia Madeirense, apesar dos seus habitos pouco higienicos e dos erros que presidiram á sua installação, tambem por lá tem prosperado. As trez colonias estão já muito mescladas; mas ainda nelas predomina o elemento madeirense. Apesar da assistencia medica, que sempre lhes tem sido garantida, a sua taxa obituaria é muito superior á Boer sobretudo nas creanças; e a sua prolificidade é tambem muito menor. Expli-ca-se isto pelas uniões illegaes entre elles, sempre regulares entre os Boers onde a prostituição não é tolerada, e pelo pessimo costume de darem aguardente ás creanças, com pessima alimentação na qual predomina o cará (batata doce) de um valor alimenticio muito fraco. E não se diga que estes dados estatisticos, expostos com esta simplicidade, tem pouco valor, porque a partir dos dois extremos, 5 anos para baixo e 30 anos para cima, limites para além dos quais a mortalidade começa a acentuar-se, eu vi esses periodos bem representados por muitas creanças robustas, sádias e córadas e por individuos adultos que de ha muito tinham ultrapassado o sexagenio e o septuagenio.

No planalto de Benguela a colonisação é de recente data, pois só começou a fazer-se, e automaticamente, á proporção que o caminho de ferro de Benguela ia avançando no planalto; mas em 1890 já eu por lá vi muitos europeus nacionaes e estrangeiros que apregoavam *ua voce* as excellencias do clima.

Quanto ao planalto de Malange pela sua fraca altitude a região não se presta para colonias de povoamento. Isto mesmo se deduz da observação meteorologica, como nos mapas adiante se poderá vêr.

Quanto á morbidade notam-se no planalto as doencas proprias das regiões temperadas e dos tropicos, com a diferença que, tanto as duma como as doutra, raras vezes atingem no planalto acuidade sufficiente que vitimem, a não ser que incidam sobre individuos de fraqueza organica accentuada. Assim a pneumonia, que tantas vitimas faz nos nossos climas, é sempre benigna no planalto e raras vezes mortifera; a febre tifoide de regra é desconhecida, mercê das aguas puras que lá se bebem. Quanto á tuberculose as dezenas de observações microscopicas que lá fiz levaram-me á convicção de que ella só apparece em casos de importação, beneficiando sempre do clima os doentes que para lá vão, quando o façam dentro dos periodos em que este terrivel morbo é suscetivel de regresso. Tem-se afirmado num exagerado optimismo que no planalto não apparecem as formas graves do impaludismo. Este principio deve ser assim enunciado: tanto a biliosa como a perniciosa são suscetiveis de apparecer em altitudes inferiores a 1.900 metros; mas entre 1.500 e 1.900 os casos ou são de importação do litoral, ou dão-se em individuos tarados, levando uma vida anti-higienica e habitando terrenos pantanosos, onde o anopheles prospera. Nas colonias, que neste momento vão acompanhando o caminho de ferro de Benguela, raros tem sido os casos de biliosa hemoglobinurica; mas esses poucos que se tem dado mostrou a observação que estavam dentro do condicionamento que acabei de expôr. Quanto á doença do sono só no extremo leste do planalto e em regiões improprias para a colonisação é que ha uma ou outra mancha, onde prospera a glossina morsitans; mas sem casos de doença.

E' curioso só observar o quanto de contraditorio se tem escrito sobre o planalto. Um observador imparcial conhecedor, é claro, do seu valor intrinseco por lá ter vivido, poderá então reconhecer que a maior parte dos que sobre elle tem escrito o fizeram obedecendo, uns a um exagerado enthusiasmo pela boa saude que lá gozaram e pelo bem como os negocios lhes correram, acontecendo o contrario aos que dele disseram mal; mas tanto uns como outros sem um criterio scientifico que orientasse as suas apreciações. Uns vieram dizer que no planalto as febres palustres e a biliosa grassam ali como no litoral, porque tiveram a infelicidade de, apenas chegados, começarem a sofrer manifestações palustres; e então raciocinaram *post hoc* logo *propter hoc*... sem se lembrarem, ou ignorando que o clima frio do planalto foi o *coup fouet* que fez vir á superficie a infecção que no fundo dormitava. Outros veem dizer para a imprensa diaria que a cultura do trigo no planalto é uma *blague*, isto porque ou estiveram em regiões onde o trigo ainda se não cultiva, ou onde elle já tinha sido recolhido, e ainda outros veem afirmar que o planalto será o celeiro da Europa, porque nalguns pontos, como eu observei numa missão religiosa qualquer, lhes mostraram espigas gigantes de trigo que são lá guardadas para mostrar aos viajantes. Entretanto é curioso tambem observar que é dos estrangeiros que nos vem a verdade sem estes exageros optimistas e pessimistas. E, tirante um ou outro como Nevinson, que obedece a fins politicos, (quem desdenha...) a verdade é que a maioria só elogia as excellencias do clima do planalto, não occultando alguns o seu

desgosto por ele pertencer a portuguezes. Não quero deixar de transcrever aqui, não os excessos de enthusiasmo que levaram Cameron a escrever no seu livro *Across Africa*, v. II pag. 229-231, verdadeiros exageros como o dizer que o Bailundo era *the glimpse of paradise*; mas os resultados de uma comissão scientifica de sabios inglezes que a (Ito Jewish Territorial Organisation) enviou ao planalto de Benguela em 1912 com o fim de estudar a região sob o ponto de vista da adaptação da raça branca, afim de ali implantar uma colonia Israelita. Os trabalhos dessa comissão devem merecer toda a confiança, não só porque ella era composta por homens de valor provado, como o dr. C. T. Martin, Director do Institute Lister e professor de Pathologia Experimental na Universidade de Londres, especialmente encarregado da parte medica; chefiada pelo dr. J. W. Gregory, professor de Biologia na Universidade de Glasgow, com agronomos, medicos e meteorologistas; mas porque essa colonisação Israelita era apoiada e contrariada pelas duas Associações Israelitas que por essa ocasião se degladiavam, mostrando no Congresso de Viana de Austria que as suas forças se equilibravam. São desse relatorio as seguintes passagens: «Disse-me algumas vezes o dr. Martin (escreve o sr. Israel Zangwil, alma da projectada colonisação Israelita no planalto de Benguela) que se não fossem os seus amigos e os seus cursos scientificos pré feriria viver em Angola a viver em Londres; que os planaltos superiores do centro de Angola são proprios para a saude e vida do europeu e sufficientemente fertes para o sustentarem; muitos observadores neutraes o testemunharam». Uma prova da sua imparcialidade: «Angola não é positivamente o paraizo que varios escritores, principalmente francezes, tem descrito. Das analyses que amavelmente o dr. Berry (um dos membros da comissão) nos fez das suas terras resulta o reconhecimento de que grande parte do seu solo é pobre, vantagem economica para a nossa colonisação; por quanto se Angola fôsse de uma fertilidade exuberante, provavelmente estaria coberta de florestas impenetraveis cujo preço de devastação seria prohibitivo. Visto a colonisação estar assim mais facilitada valerá a pena fazel-a. Não se vão lá buscar colheitas magicas, nem a verde está lá á espera do europeu como nos Parnasos ditirambicos ou como nos pintaram os portuguezes; mas apenas é possivel ganhar a vida honestamente». E' ainda do mesmo relatorio a seguinte conclusão: «Ao dr. Martin agradecemos as suas investigações das quais resultou perdermos o receio de que a região fôsse impropria para a vida por insalubre. E' claro que devemos evitar algumas zonas da orla do planalto, devendo ser inteiramente aceite a opinião de Knox expressa na sua recente obra *The climate of Africa* pag. 244: «O planalto de Angola é sem duvida saudavel e o seu clima revigorizador torna-o á primeira vista um local excelente para a colonisação europeia. A aria que recomendo como digna dos primeiros estudos é não só excelente quanto a salubridade mas ainda muito atraente. O scenario é pitoresco e frequentemente belo e as condições de vida são confortaveis». Na época seca não vimos mosquitos e havia poucas môscas no planalto. Os insectos nocivos, as cobras e animais perigosos, como o leão e leopardo, são ahí muito raros. Apesar de as formigas brancas causarem ás vezes grandes prejuizos, não constituem obstaculo sério. Lenhas para queimar, para fazer cercados e para vender assim como madeiras para construcção são abundantes na região que tambem tem agua excelente para beber (e em grande abundancia a crescentarei eu)... vê-se que o planalto parece satisfazer durante todo o ano aos requisitos necessarios para nele se poderem construir agradaveis e confortaveis lares com familias europeias».

(Continúa).

# Timor

## UMA COLONIA Malfadada

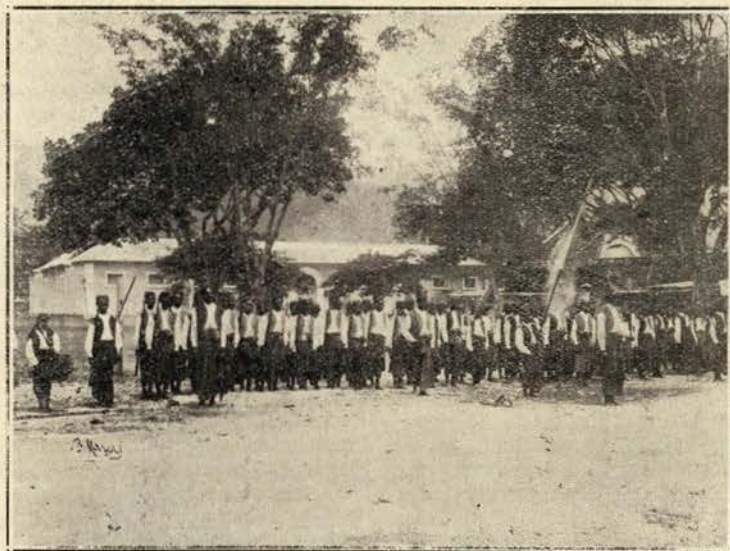
**T**IMOR é uma terra de promessa, tão cheia de beleza como de fartura!... Olhos, que a vejam, nunca mais a esquecerem; como nunca mais se desapega das almas que nela hajam trabalhado. Pelas suas ladeiras íngremes, trepam as palmeiras elegantes e os arvoredos de madeiras

maior calvário de tormentos (e de vergonhas!) que a Raça pisou desde os alvôres do século XVI. Relembrar-se a sua história, é sentir-se o coração enevoado de tristesas conflagradoras. Num abandono criminoso contra a perfídia e a força das autoridades neerlandezas; obrigados pelas circunstâncias a uma po-

á sepultura, ralado de desgostos, o governador Antonio Olavo Monteiro Torres (1851). A miséria do funcionalismo arrasta Lopes de Lima ao vergonhoso acordo de 23 de Novembro de 1851, que remata no infamíssimo tratado de 20 de Abril de 1859, pelo qual se perderam todas as nossas possessões de Flores e do arquipélago de Solor... em trôco dum saquitel de florins. A dependência aviltante em que se deixara a segurança da colônia da fidelidade das tropas irregulares indígenas, desfecha tragicamente no assassinato barbaríssimo do governador Alfredo de Lacerda Maia, em 3 de Março de 1887, rebelando-se contra a sua autoridade os próprios defensores da nossa soberania. E, finalmente, tão lobregas eram as palhotas que até 1873 representavam as *instalações do Estado* naquele último reduto onde tremulava a bandeira de Portugal,—depois de perdidos para sempre o resto da Sundanésia e o arquipélago das Molucas,—que perante elas garçalha sarcásticamente Russell Wallace (*The Malay Archipelago*), sem compreender que a grandesa dos sofrimentos passados naquela miséria só enaltecia a rija tempera dos homens de Portugal.

De tudo se lançou mão para se viver, naquele afastado *golgota* da Oceânia: desde a criação do *cofre do giro*, em 1785, para empréstimos aos necessitados, até ao *calote* violento, que ainda ali fui deparar em 1908, não houve expediente que não fôsse utilizado para enfrentar o desmazêlo da Metrópole por aquele malfadado domínio.

E' no governo de Hugo de Lacerda (1873-1876) que começa de modificar-se a desgraçada situação material de Timor com as largas construções que se fizeram. A obra de transformação política só se opera no governo de Celestino da Silva, cujas mãos de ferro conseguem reduzir á obediência os orgulhosos chefes indígenas. E segue-se, desde o governo do Sr. Eduardo Marques (1908-1909) até ao governo do Sr.



TIMOR — Antiga companhia de «moradores» de Bidau, em formatura

ricas e de frutos preciosos. Por ela descem, em cascatas rumorantes, ribeiros de águas límpidas, povoados de agriões mimosos e de camarões saborosíssimos. Há abundância de gados nas suas pastagens; de cereais e legumes nas suas hortas; de peixes delicados nos seus mares. Do sub-sólo, desentranha-se o petróleo,—que sobrenada nas águas e chameja nas fendas dos rochedos, e o ouro—que o indígena colhe nas areias brancas dos riachos.

Pois... com tudo isso, aqueles 16.847 quilómetros quadrados de terras opulentas, que ha mais de três séculos vimos defendendo contra a cupidez da Holanda, são o

slica de transigências e de baixezas perante as populações indígenas; entre privações e afrontas que muitas vezes atingiram grandezas de mártírios, assim viveram os homens que, através dos séculos, mantiveram em nossas mãos a guarda daqueles domínios, vertendo sangue e lágrimas em que a Pátria mal reparava porque... era demasiadamente extenso o mundo que as náus haviam conquistado.

A fraqueza ignominiosa da corte do Rio de Janeiro perante a usurpação de Atapupo, mata de desespero o governador José Pinto de Alcoforado e Souza (1819). As dificuldades de Administração levam

Filomeno da Camara (1911-1917), um trabalho inteligente e proveitoso de organização financeira e económica, que, durante alguns anos e não obstante a reforma de todos os serviços, quasi chega a dispensar as subvenções do orçamento metropolitano.

Quando abandonei a colónia em 1916, era a prosperidade que se manifestava em toda ela: as receitas iam crescendo; as culturas iam alastrando; os gados começavam a charrear a terra; as máquinas entravam a substituir os braços. Parecia que os máus tempos de antanho não voltariam mais a poisar naquele rincão de bem dita e prodigiosa fertilidade, que a vontade forte dos homens, numa actividade febril, estava conduzindo para os melhores destinos, arrancando do sólo tudo quanto, em riqueza, elle poderia dar.

E voltaram! Mal se acreditava, mas... voltaram! A politica ignóbil, que faz ministros e governadores de quaesquer mortais que assentem o corpo sobre dois pés mesmo que lhes faltem os miolos na cabeça, novamente pôs a colónia a braços com a miséria. Os ultimos seis anos da administração de Timór excedem em desatinos tudo quanto se poderia conceber. E', talvez, o triste fado da Provincia que lhe não consente arredar pé da desventura!...

Consultem-se os orçamentos da colónia, e rapidamente se verá como se conseguiu rolar até á situação angustiosa que, pela sua gravidade, vai transformando em governadores *in partibus* os governadores que o Senado elege, e que pelas ruas de Lisboa ficam calcorreando a galear o título e a mendigar empréstimos, como se nada mais houvesse a fazer, e a pôr em lei, para se remediar o descalabro em que tudo aquilo vai. Foram mãos tão pródigas como ineptas que, enriquecendo algibeiras sôfregas, ocasionaram a pobreza do erário. Os números comparados dos orçamentos de 1917-1918 e 1921-1922 (que julgo sêr o ultimo), accusam flagrantemente toda a bambocha em que, naquele período, a administração de Timór se converteu. Ei-los:

#### Receitas ordinárias (oiro):

1917-1918.....	313.540\$00
1921-1922.....	378.125\$00
Aumento em 5 anos.	64.585\$00

#### Despêzas globais (oiro):

1917-1918.....	480.064\$38
1921-1922.....	695.754\$59
Aumento em 5 anos.	215.690\$21

Quere dizer: enquanto que os rendimentos, em cinco anos, apenas mostram uma diferença para mais de cerca de 20 %, as despêzas, no mesmo periodo, aumentam em mais de 44 %, sem que haja quaisquer melhoramentos materiais a justificarem um tal agravamento. Em números redondos, a distribuição das despêzas foi a seguinte:

	1917-1918 (em contos-oiro)	1921-1922 (em contos-oiro)
Pessoal... ..	346	532
Material... ..	114	138
Outros encargos... ..	20	25
Soma.....	480	695

Causa arrepios o significado destes números! Ao passo que os gastos com material apenas se elevam em 24 contos, passa-se a dispender com o funcionalismo mais... 186 contos! Toda a receita ordinaria da Provincia fica longe de bastar só para o pagamento de ordenados, que a excedem em cerca de 154 contos, oiro. O *deficit* orçamental, atn-gindo a importância enorme de 317 contos, é quasi igual á totalidade das suas receitas.

Um cúmulo, pois não é? — Mas os números não se destroem, e é para saldar as contas deste bôdo pantagruélico que os empréstimos se desejam e que os empréstimos se contraem, na cegueira imensa de quem não vê o abismo para que Timór caminha.

Os 1.500 contos, em moeda metropolitana, que ultimamente se votaram nas duas casas do parlamento, serão apenas uma gota de água no oceano das necessidades que os números apontados revelam. Nem mesmo pagarão as despêzas do repatriamento da companhia indigena de Moçambique, que serviu de pretexto á sua autorização. O *deficit* anual de Timór corresponde, aproximadamente, a 70.000 libras, ou cerca de 10.500 contos em escudos portuguezes. Onde se irá buscar este dinheiro? E como hi de a Provincia liquidar os encargos dos seus empréstimos, se pouco elásticas são as suas receitas e estas nem mesmo pagam os vencimentos dos seus empregados?

As despêzas, na *administração politica e civil*, aumentaram, em cinco anos, mais de 27 contos; nos *serviços de fazenda*, para cima de 25 contos; nos *serviços militares*, mais de 43 contos; nos *serviços de saúde*, quasi 49 contos; nas *obras publicas*, cerca de 16 contos; nas *despêzas gerais*, aproximadamente 44 contos; e roça por 30 contos o acréscimo

nos restantes capítulos do orçamento.

Querem maior sudário?

E, para se estabelecer o indispensavel equilibrio entre as receitas e as despêzas, o que é que se tem feito? Nada, que me conste. Vai-se pedindo dinheiro e... deixa-se correr o marfim. E' um processo cômodo e simples, que não fatiga o cérebro nem perturba a digestão.

Mas até quando poderá continuar assim? Que nos respondam os homens de juizo, pois que ainda não endoideceu toda a gente neste infortunado país.

Eu julgo que a organização dos serviços numa colonia de orçamentos deficitários não pôde ir além daquela que os seus recursos facultam. Precisa de ser tão modesta quanto o exige a sua pobreza. E nem por muito simples ter sido a engrenagem administrativa de Timór, desde 1896, em que se criou o *distrito autónomo*, até 1911, em que o sr. Filomeno da Camara iniciou a remodelação dos serviços criando algumas repartições, a sua eficiência foi menor, podendo até afirmar-se que os melhoramentos materiais no periodo em que Timór viveu como *distrito autónomo* sobrelevam colossalmente aqueles que se realizaram depois que se guindou á categoria de *Provincia*. Porque não hão de acabar as *pompas*, se assim o reclama a penúria do tesouro?

*Quem não pôde arrear!* — diz o ditado. E ai de nós se, quanto antes, se não alija aquela *carga*, porque, ao fim do caminho que as coisas levam, e em poucos anos, nem toda a colónia vendida bastará para pagar o dinheiro que lhe vai sendo debitado.

Chegaremos a isto? Tem a palavra o sr. Raimundo Meira...

#### A. LEITE DE MAGALHÃES.

**SEGUROS**

«PORTUGAL PREVIDENTE»  
A MAIOR GARANTIA

*Martimos (condição inglesa F. & A.)  
Doaltes, Ferrastes  
e Vida (todas as combinações)*

**SEGUROS EM LIBRAS**

Rua do Alecrim,  
10—LISBOA

#### — AGENCIA FOX —

Secção d'investigação policial particular vigilancia e informações comerciais  
Secção de turismo organizada nos moldes modernos, encarrega-se de alojamentos nos hoteis do Paiz, passagens, passaportes, transporte de bagagens, etc.

Unica no genero no Paiz. Referencias bancarias e comerciais

# ARTE

DR. CARLOS AMARO : : : : :  
 LUIS MOITA : : : : :  
 JOSÉ AUGUSTO MELO VIEIRA

TEATRO — LITERATURA — MUSICA — PINTURA, ETC.

## Noche d'el sábado

DE D. JACINTO BENAVENTE

Noche d'el sabado! E', como sabem, noite de bruxas, noite de libertação, em que as velhas dos povoados, friccionando os ventres flácidos com o unguento magico, feito de belladona, aconito, madragora e da gordura das creanças mortas sem baptismo, cavalgando roccas e vassouras, por cima de toda a folha vão á busca da hora dos Sabbats.

Noutros tempos mais rudes, em torno delas se ajuntava a multidão ululante dos enfezados, dos coxos, dos revoltados dos famintos, seguindo-as como a videntes, percursoras das *jacqueries*, sabendo excitar o odio dos fracos e dos pobres contra os poderosos e ricos.

E com as velhas hediondas outras surgiam, novas, belas e inocentes, vindas de todos os cantos da terra cavalgando bodes, cavalgando potcos, fuzilando a treva com os seus gritos estridulos de Walkirias, dançando, rindo, uivando em torno do Bode supremo.— livres, livres, na escuridão da noite libertadora:

Le ciel en haut, le ciel en bas  
 Les étoiles en haut, les étoiles en bas  
 Tout ce qui est en haut, est en bas;  
 Si tu comprends, tu seras heureux.  
 Volons, Volons!

Lembram se do que sobre a dança das feiticeiras nos conta Demitri Me-rejkowski, naquele seu livro todo feio com a vida de Leonardo de Vinci, de todas as obras e destitas do super-homem da Renascença?

Na «noche d'el sabado» ha, como na Ressurreição dos Deuses, um escultor — pintor chamado Leonardo, um pouco bruxo tambem, constructor duma estatua em que uma forte e bela rapariga talhada em marmore faz a escalada duma montanha feita de blocos de granito, ao alto da qual se levanta nm trono fundido em bronze. Leonardo conta que partiu essa estatua, mas que a misera galderia italiana que lhe serviu de modelo foi, durante as longas poses em que o artista a obrigou a fitar aquele trono, tão intensamente suggestionada que, ao despedir-se do escultor, lhe disse um bem estranho adeus:

«Hei-de chegar lá acima, hei-de ser imperatriz!»

Ela chama-se Imperia.

Tem no carcere o amante que foi assassino e ladrão ao fim de tres dias de fome tem dele uma filha de dois anos, Donina. Mas não importa, ela partirá, ela será imperatriz e, quando a vemos pela primeira vez entrar no palco, já possui um homem, inteiramente dela, o qual, se acaso morrer um dia o principe herdeiro da Suabia, será chamado ao trono.

Este principe herdeiro é uma especie de Heliogabalo cynico e desprezível, insensível á dôr d'alguem, atirando nas noites geladas, peças de ouro ás ruas cheias de neve só para ver os miseraveis sem pão e sem casa lutando e assassinando-se na disputa desse ouro.

Aos humildes oferece joias caras, fazendo despertar nos seus corações, uma sede insanciavel de riquezas; diverte se envenenando almas, e, por onde passa, o amor e a alegria secam e morrem como se dos labios e dos seus olhos se coasse o frio das guilhotinas.

Este Nero tem um Petronio a acompanha-lo sempre: um rapaz louro, de monoculo, por signal intelligentissimamente interpretado — da ironica especie daquelle lord Henry que tamanha influencia exerce sobre a alma de Dorian Gray, no livro excelso do grande mystico inglez, que, por seu orgulho d'artista e seus vicios, vem a vestir a roupa dos forçados.

Estão agora os dois no segundo acto, á mesa dum cabaret aberto na vizinhança dum circo e por isso frequentado por todas as exóticas figuras duma companhia de variedades; dançarinas, dançarinos, um indio domesticador de elefantes, a ingleza dona dos elefantes, o empresario italiano e até um preto!

Entre as dançarinas, Donina, a filha de Imperia, que a mãe não afasta da sua vida de artista humilde, porque a bela creança ahi encontrára o seu amor. Donina interessa o principe, é o seu proprio amante, o saltimbanco que ela adora, quem, seduzido pelas belas joias, a resolve vender áquele real compra-chicas, nessa mesma noite numa festa de taberna.

Imperio já disse a Donina como esse principe é horrivel, todos os seus vicios monstruosos de apatico,

quantas vezes a sua hedionda vida de degenerado merece a morte, e disse o em palavras terriveis que de certo se gravaram no coração da filha... Agora, que sabe da cilada armada á pobre dançarina resolve ir interromper a orgia.

O palco que até quasi este momento, isto é, durante o primeiro acto, e parte do segundo, tem como que a apparencia estagnada dum aquario, em que as figuras, algumas dum exotismo extranho, se movem geladas e morosas, com vozes e gestos de automatatos, evocando na sua hirta estrutura scenas, e aspectos de drama inglez, fazendo lembrar Wilde, fazendo pensar em Schakspeare—começa no final do segundo acto a penetrar se duma vida cada vez mais intensa, quando Imperia, envolta no seu manto de seda e ouro, no tablado domina e se agita com movimentos fatidicos de phalena.

E' noite de sabado essa noite, e Imperia, antes de partir á busca da filha, conta que todos temos a nossa *noite de sabado*, todos gastando a vida em horas sem cor e sem ruido para o conquista duma só hora, hora plena e forte, hora verdadeira em que a alma liberta se desnuda e a si propria se possui, e so agita, palpita e vive como uma alta chama entre as cinzas das outras horas pardas e inexpressivas...

Le ciel en haut, le ciel en bas  
 Les étoiles en haut, les étoiles en bas  
 Volons, Volons!

FREI CARLOS.

## GBRAS RECEBIDAS

### Noções de ciclografia

**A bicicleta topografica.**—E' um trabalho interessantissimo em que o autor o sr. capitão Tavares de Andrade, explana, por uma forma facilmente comprehensivel, uma primeira applicação do que se chama a *Ciclografia*, ou seja a utilização da bicicleta para levantamentos topograficos, adaptando-lhe um instrumento de prancheta, cujo oculo gire no plano médio do quadro da maquina.

O dispositivo, com ligeiras alterações na forma de operar, é applicavel tanto aos levantamentos expeditos como aos rigorosos.

O sr. Capitão Tavares de Andrade, a quem felicitamos pelo seu valioso trabalho, tem já hoje rialisado um modelo de *ciclografo*, muito recomendavel para trabalhos de agrimensura em grande escala, como frequentemente ha que rialisar nas colonias.

# P. Santos Gil, Limitada

Importadores de Material Telegrafico e Material Ferro-Viário de toda a espécie:  
**LOCOMOTIVAS, ZORR S AUTOMÓVEIS, CARRUAGENS, TRACTORES AGRICOLAS, ETC.**

Conserva stocks permanentes para entrega imediata

FABRICANTES | *Koppel Industrial Car & Equipment Co., Ltd.*  
*Pennsylvania Car and Manufacturing Comp.<sup>a</sup>*

## Secção de construções

Ladrilhos e Azulejos em lindos desenhos e cores Muralo «Murite», preservativos de madeiras em variadas cores, telhas e chapas de asbestos, etc., das melhores marcas.

## Secção de Madeiras

Possuimos em armazem, para entrega imediata, madeiras da Provincia das melhores qualidades, em pranchões, barrotos e taboas, assim como travessas para caminhos de ferro, paus para minas, etc.

## Secção de Productos

Compramos e exportamos toda a qualidade de productos da Provincia, tais como: Milho, Mapira, Copra, Amendoim, etc.

Estancias e Armazens Alfandegados ao Kilo- metro 1 para Deposito de Mercadorias.  
 Oficinas de Serração, Fabrica de Mobílias, Portas, Janelas, Aros, etc. movidas a Electricidade.

TELEFONES | Escritorio 400  
 Estancia 493

LOURENÇO MARQUES

# A CONSTRUTORA, L.<sup>da</sup>

Capital realizado: 2.500.000\$00

Séde em LOBITO

CAIXA POSTAL N.º 10

Filial em BENGUELA

CAIXA POSTAL N.º 32

Delegação em LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 235, 2.º-Esq.

Telefone n.º 2772

Telegramas | Rodrivalho — LISBOA  
 Construtora — LOBITO

GERENTES EM:

**AFRICA**

Sousa Lara & C.<sup>a</sup> Ld.  
 Joaquim Duarte

**LISBOA**

José Rodrigues de Carvaiho  
 Mariano Machado

Deposito de materiais no Lobito e Benguela

*Encarrega-se de construções no Lobito e ao longo do Caminho de Ferro desde o Lobito até ao Bié (Silva Porto) Kilometro 627*



# DESPORTO

Carlos Oscar  
da Silva

## Dario Canas, fala sobre a representação olimpica portuguêsa

Dario Canas é um consagrado. O seu excepcional amor pelo Tiro, as suas enormes qualidades de desportista e o seu real valor como atirador fazem-no, senão único, pelo menos difficil de ser egualado.

Por estes motivos todos, Dario Canas era dos nomes indicados para uma entrevista sobre a nossa representação olímpica. E como a sua delicadeza e amabilidade nos proporcionou o incomodo que lhe causamos ao trocarmos impressões, aqui seguirão as palavras que o grande homem de *sport* nos comunicou.

A' queima roupa, lhe lançamos a primeira pergunta natural e lógica:

—A equipe portugueza que foi a Paris era sem duvida a melhor que poderiamos enviar?

—Absolutamente, pois o critério seguido para a selccionar, foi o melhor que é possível.

Como sabe, em Outubro de 1923 tinha-se escolhido já o *quinze* e o *onze* nacional, donde saíram *cinco* representantes da pistola e os da espingarda.

Estes *dez* representantes olímpicos, eram selccionados d'entre aqueles atiradores, servindo para base os resultados obtidos num certo numero de provas preliminares, e nas tres provas finais.

—Mas fomos felizes nos jogos?

—De modo algum podemos chamar feliz a nossa classificação. O nosso armamento não podia competir com os aparelhos de precisão dos estrangeiros, em especial dos americanos.

As nossas armas, adquiridas pelo nosso bolso, não puderam servir por defeito de construcção.

A amabilidade dum amigo sufo, aqui em Portugal primitiu-nos levar umas armas apresentáveis.

Mas de nada puderam servir porque a differença entre as nossas e as dos outros países era enorme, disse.

Os melhores atiradores do mundo, os argentinos recusaram-se a concorrer aos jogos—estando já em Paris—porque as suas bellissimas armas não podiam competir com o armamento americano.

A França usou dele, a Belgica, Polónia etc., tambem não deixaram de o aproveitar.

A nossa magra bolsa não permitiu que nos succedesse o mesmo.

Olhe que cada tiro cusava pelo menos 12 escudos!

—Então a nossa figura...

—Foi má, pelos resultados que alcançamos, em Paris, mas brilhante no Campeonato do mundo de Reims.

Aqui, o nosso país foi muito bem acolhido e admirado, mercê, devida em grande parte ao valor mundial do Dr. Martins.

Entre os melhores atiradores á pistola, do mundo inteiro, Martins



DARIO CANAS

ficou em 5.º lugar, a 7 pontos d differença do campeão!

Ao acaso dir-lhe-ei algumas das nossas classificações:

A' espingarda, além da *prova de Reims* onde fiquei em 5.º entre 977 atiradores, tivemos Martins e Anisio Soares classificados na *prova Bonne Cible* entre os primeiros cinquenta que participariam á *prova do Ministério da Guerra*.

Aqui Anisio ficou em 5.º e Martins em 29.º!

Na *prova Sociedades de tiro* onde houve 109 inscriptas, a portuguesa ficou em 9.º lugar.

Nas *provas Bonne Cible e União Bonheur* a 200<sup>m</sup> e 300<sup>m</sup> todos os nossos atiradores se classificaram, o que é um grande *tour de force*.

Cartas de *mestre atirador* alcançamos duas; de *primeiro atirador* obtivemos tambem duas.

—Mas, tem difficuldade apreciavel as provas a que são obrigados os atiradores para conseguir uma carta dessas?

—Sem dúvida. Basta dizer-lhe que é preciso para as primeiras, meter no alvo 50 balas em 6<sup>o</sup> e todas entre o 8 e o 10 da *mouche*.

—E á pistola?

—A' pistola além da formidavel figura do Dr. Martins, que passava entre os melhores atiradores por *vrai champion*, obtivemos grande numero de cartas de mestre atiradores etc., etc.

Nas provas de séries tambem se classificaram todos os portugueses.

—E que tal nos davamos com os estrangeiros?

—Deliciosamente. Então com os espanhois e argentinos, uma maravilha. Na reunião onde se representavam todos os países para escolher o local onde se realizará o próximo campeonato do mundo foi aceita por unanimidade a proposta dum argentino (?) para que se realizasse em Lisboa o campeonato do mundo do ano de 1927.

Eu como delegado de Portugal tentei recusar mas de nada serviu. Sómente precisamos avisar um ano antes, se podemos ombrear com tal *tache*.

—Mas que difficuldades existem? Muitas e muito importantes. Falta de organisação e de dinheiro para tal cometimento.

O governo não nos ajuda como deve. O desenvolvimento do tiro atrofia-se com medo que ele sirva para fins politicos.

Além disso... (aqui devemos ser muito discretos).

—E a nossa futura representação pode ser melhorada?

—Nunca, enquanto não possuímos armas próprias para as provas de arma livre.

Contudo não podemos possuir grandes atiradores sem auxiliarmos os civis na propaganda do tiro. Actualmente o tiro é mais militar que civil e eu vou contar-lhe o que se passa muitas vezes na Carreira de Tiro...

(De novo precisamos de discreção).

Terminara a entrevista.

R. B.

## O Campeonato de Desportos Atleticos do «Sport Lisboa e Bemfica»

O campeonato do Sport Lisboa e Bemfica cuja importancia não será preciso certificar aqui, realizou-se este ano com mais concorrencia que nos anteriores, embora o Sporting Club de Portugal não tenha inscrito os seus atletas.

O atletismo adquire adeptos a olhos vistos, adeptos na maioria cheios de qualidades fisicas e com uma enorme vontade de trabalhar.

Este ano couberam ao Sport Lisboa as taças *Seculo* e *Antonio Stromp*, sendo o Internacional possuidor da taça *Armando Cortesão* e o Vilanovense do Porto contemplado com o trofeu *Francoiseo Lazaro*.

Dos atletas concorrentes sobresaem dois novos: F. Figueiredo e J. Gonsalvez, ambos do S. L. B.

O primeiro é um atleta adolescente mas com serias aptidões para lançador; o segundo com melhores alavancas, parece ser um *sprinter* de classe em curtas distancias.

Os resultados técnicos das provas são os seguintes:

100 <sup>m</sup> — 1.º José Gonçalves . . . . .	11" 2/3
2.º F. Braga . . . . .	
3.º Guerreiro Nuno . . . . .	
200 <sup>m</sup> — 1.º José Gonçalves . . . . .	25"
2.º F. Braga . . . . .	
3.º Antonio Leal . . . . .	
400 <sup>m</sup> — 1.º Fernando Tomás . . . . .	60" 1/3
2.º Vaz Guedes . . . . .	
3.º Alberto Freitas . . . . .	
800 <sup>m</sup> — 1.º Mendes Ribeiro . . . . .	2' 17" 1/3
2.º F. Gonçalves . . . . .	
3.º Silva Ramos . . . . .	
1500 <sup>m</sup> — 1.º J. Marques Graça . . . . .	4' 35"
2.º Mota e Castro . . . . .	
3.º F. Gonçalves . . . . .	
5000 <sup>m</sup> — 1.º J. Marques Graça . . . . .	16' 40"
2.º Mota e Castro . . . . .	
3.º Manuel Paiva . . . . .	
100 <sup>m</sup> (Barreiras) — 1.º Araujo . . . . .	21"
2.º Fernando . . . . .	
3.º . . . . .	
400 <sup>m</sup> (Estafetas) — 1.º S. L. B. . . . .	
2.º C. I. F. . . . .	
3.º . . . . .	
1600 <sup>m</sup> (Estafetas) — 1.º V. F. C. . . . .	4' 2"
2.º S. L. B. . . . .	
3.º C. I. F. . . . .	

### Salto em altura c/c:

1.º V. Sobral Dias . . . . .	1m,57
2.º Pedro d'Almeida . . . . .	1m,56
3.º Pestana d'Oliveira . . . . .	1m,56

### Salto em comprimento c/c:

1.º Mexia Salema . . . . .	5m,85
2.º Armando Moura . . . . .	5m,60
3.º F. Braga . . . . .	5m,59

### Salto á vara:

1.º Mexia Salema . . . . .	2m,66
2.º J. Prazeres . . . . .	2m,61
3.º J. Macedo . . . . .	

### Lançamento do peso:

1.º F. Figueiredo . . . . .	9m,48
2.º P. Almeida . . . . .	9m,29
3.º F. Guimarães . . . . .	8m,94

### Lançamento do disco:

1.º Dr. A. Martins . . . . .	30m,15
2.º Balha e Melo . . . . .	28m,07
3.º F. Braga . . . . .	28m,

### Lançamento do dardo:

1.º F. Braga . . . . .	27m,88
2.º A. Castro . . . . .	27m,42
3.º H. Vieira . . . . .	27m,47

## Foot-ball

### Um grupo que nos vizita

Espera-se no proximo mez de Setembro, proveniente de Espanha, um forte agrupamento de foot-ball que vem a esta capital disputar vários encontros com grupos lisboetas.

O *team* estrangeiro é constituído por jogadores de reconhecida competencia e habilidade, tendo sido seleccionados de entre os melhores grupos hespanhois, e apresentando o conhecido e cotado *guarda rede* Ricardo Zamora, um verdadeiro *Fenomeno de la pelota* o mais formidável *guard-metas* do paiz vizinho.

Juntamente com Ricardo Zamora vem o lento mas robusto Zabala que no ultimo encontro Portugal-Espanha meteu duas bolas nas nossas rédes.

## O Box no Porto

### O Match Vinez-Martinez

Este match dum verdadeiro interesse internacional realizou-se na praça de touros da Areosa no domingo 24 de Agosto.

Hilario Martinez é o campeão espanhol da categoria leves e Vinez é o francez mais classificado, depois de Paulo Fritch, para disputar o campeonato da Europa.

E' um boxeur da velha guarda pois «boxa» desde 1911 e tem no seu «record» magnificos combates entre os quaes um em 20 rds. com o campeão do mundo Eugéne Criqui, o rei do Knock-out.

Ambos estes boxeurs eram já conhecidos no Porto, ambos como adversarios do campeão de Portugal, categoria meios-medios Tavares Crespo. Vinez bateu ha dois anos Crespo, aos pontos em 10 rounds, e Martinez bateu o campeão portuense por

Knock-out ao 1.º rounde no dia 2 de Maio deste ano.

Martinez mostrou-se um «puncher» temivel neste combate pois foi o primeiro homem que conseguiu «Knock-outar» Tavares Crespo.

Martinez conta tambem uma vitória sobre o excelente belga Germain, quando Vinez não conseguiu senão fazer match nulo.

Parecia portanto por esta linha que Martinez venceria facilmente Vinez tanto mais que a apparencia deste ultimo é muito inferior á do campeão espanhol.

Tal porem não aconteceu.

Durante 15 rds. Martinez procurou pôr Knock-out o seu adversario mas só conseguia espetar-se no inexpressivo esquerdo de Vinez.

Vinez conseguiu durante estes 15 rds, dominar 12, segundo a informação do arbitro, graças ao seu brilhante jogo de pernas, á sua sciencia e á sua larga experiencia do ring.

Martinez não sae de modo nenhum diminuido deste combate devido á excelente classe do seu adversario.

Este combate pode considerar-se como uma meia-final do campeonato da Europa.

Frilhé e Bretonnel farão a outra meia-final, logo que o primeiro regresso da America e o vencedor será o futuro adversario do simpatico Lucien Vinez.

Quem ganhará?

Qual será o futuro campeão da Europa?

No entanto no Porto pensa-se em opôr a Vinez o campeão de França, falsamente considerado campeão da Europa, Fred Bretonnel.

São pelas suas brilhantes iniciativas dignas de todo o aplauso os match-makers do Porto pela bela propaganda que estão fazendo no norte do Paiz da «Noble Art».

Os organizadores convidaram para arbitrar o combate o conhecido jornalista e lutador Ruy da Cunha, que dirigiu o combate a contenté de todos.

### Revista de Fotografias

## “FOTO-SPORT”

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

SÉDE: R. Industriales, 7 e 10

LISBOA

Luso-Colonial, Ltd.<sup>a</sup>

ROSSIO, 93, 3.º

LISBOA

Codigos { Ribeiro  
A. B. C. 5.ª Edição

Tele { fone NORTE 812  
gramas MILABREU

IMPORTAÇÃO e EXPORTAÇÃO

VINHOS DE CONSUMO E LICOROSOS

CONSERVAS, GENEROS COLONIAIS

Dão REFERENCIAS BANCARIAS — Pedem correspondentes nas colonias portuguezas

Agentes nas principais praças europeias.

Sucursal em ANVERS. Longue Rue Neuve, 6

# NOTICIARIO

## O Congo Português e as suas riquezas

Com este titulo publicou o sr. Coronel Almeida Matos uma muito interessante monografia sobre o Congo, ácerca da qual, ao prefacia-la, diz o sr. Dr. Brito Camacho: «Este livro—O Congo Português e as suas riquezas.—escrito com inteiro conhecimento da materia que versa, e com os maiores rigores de probidade, é uma excelente contribuição para o estudo do problema colonial, que só por trabalhos parcelares pode ser convenientemente estudado com propósitos serios de ser resolvido.

Escrito com singelesa, sem arrebiques de estilo, sem pompas de linguagem que seriam descabidas num trabalho desta índole, a sua leitura é agradável, e as estampas que o ilustram, documentando aspectos da vida local, mais agradável a tornam.

Estas poucas palavras vindas de quem não é dado a malbaratar louvores, bastam para definir o valor do trabalho do sr. Coronel Matos.

Por nós nada lhe ajuntamos, a não ser que lendo atentamente, de principio ao fim, o bem elaborado estudo, sentimos um grande pesar de que se não multipliquem iniciativas destas, que altamente contribuem para despertar o interesse pelas regiões que constituem o nosso patrimonio de além mar.

Agradecendo o exemplar que nos foi oferecido, apresentamos ao sr. Coronel Matos as nossas felicitações e fazemos votos pelos bons resultados do seu louvavel empreendimento.

## Varias

O engenheiro sr. Lopes Galvão está ao serviço da provincia de Angola, constando-nos que ali continuará na situação de Secretario Provincial.

O sr. Ministro das Colonias vae resolver se o porto de Macau deve ser entregue a uma companhia ou a Conselho Autonomo, parecendo ter ouvido já sobre o assunto entidades verdadeiramente competentes que lhe teriam sugerido a necessidade de uma urgente resolução e a formula mais adequada aos interesses da Colonia.

O Governador da Guiné comunicou ter nomeado o sr. José Luiz da

Luz, secretario do Governo da Provincia, em portaria n.º 184 de 19 do corrente, e o sr. Thomaz Macauley Morley, Secretario dos Negocios Indigenas, por portaria n.º 185 da mesma data.

Foi mandado ingressar no quadro de Saude de Timor o sargento ajudante enfermeiro José Maria Senanes.

Vai ser levantado no Ministerio das Colonias um auto de abandono de logar ao funcionario do 2.º grau do quadro administrativo da provincia de Moçambique, Manoel dos Santos Lino.

Foi mandado regressar ao seu quadro o primeiro aspirante do quadro aduaneiro de Angola e S. Thomé, Francisco Arrobas Crato que se encontrava em serviço na extinta Agencia Geral de Angola.

Apresentou-se no Ministerio das Colonias, o Sr. Thomaz Fernandes, ex-agente Geral de Angola em Lisboa.

Faleceu em Lourenço Marques o 3.º official do Ministerio das Colonias Dias da Silva, em serviço na auditoria de Moçambique.

A Comissão de inquerito á Agencia Geral de Angola tomou já posse do edificio da Agencia em Lisboa, tendo despedido alguns assalariados ao serviço da mesma Agencia.

Foi concedida licença ilimitada ao regente agricola da provincia de Angola, Amílcar Carreira.

Foram no dia 23 á assignatura presidencial os decretos nomeando o Sr. Rêgo Chaves, Alto Commissario de Angola, e o Sr. Tavares de Carvalho, Governador interino.

Torna-se urgente que o Sr. Ministro das Colonias mande compilar a legislação colonial, o que desde 1919 não é feito. Seria interessante e util que se proseguisse no indice remissivo da legislação ultramarina.

## TUDO AOS MONTES

Porto, Coimbra, Braga, Algueiros, Alentejo



Thomaz, Brito, Leão, Lourenço, Mesquita, etc

(A todos interessa)

Não tem agentes a Casa Freire nem quem preferindo vender directamente aos frequentes pelos preço 40 010 mais barato que é o que os agentes levam a mais. E façam seus pedidos directos para serem bem servidos e rapido á Grande fabrica onde se fazem essas lindas Chapas e que duram para ser pre e letras esmaltadas para ruas, estabelecimentos, etc., emblemas lindos e baratos para Sports, clubes, medalhas para corridas, (artigos de Barba), Gilettes mais baratas, maquinas de 4 rolos para as afiar, Tesouras finas e canetas de tinta permanente com per a de ouro a 40500, que os outros vendem pelo dobro canivetes, Carimbos, numerados a tinta, a repetirem o numero até 12 vezes, ditos para cheques a picotar o numero e com data, selos em branco para as juntas de Paroquia, camaras e repartições, sinetes para lacre e roupa, etc., alicates de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinhas, fixas de metal para jogos de cafés, fabricas, etc., anéis á Freire, em aço e ouro com brazões e monogramas, cunhos importé do Portugal, chapas e letras para marcar caixotes e preços, lampadas e instalações electricas, etc., etc. Unica na Europa completa.

A. L. Freire, 158 a 164, R. do Ouro. Telef. 1656 C.

Peçam á cobrança para tudo lhe remeter.

MANTUA, Ltd.

29 a 37

Calçada de S. Francisco  
LISBOA

# Companhia de Moçambique

## Comunicações Ferro-Viarias — BEIRA

Porto dos territorios da Companhia de Moçambique e o principal da Rhodesia do Norte e do Sul-Katanga Belga.— Protectorado da Niassalândia e vale do Zambeze



### Exportação de milho da Beira

Durante o ano do 1923 foram exportados pelo porto da Beira 1.250.000 sacas de milho. Desse numero 797.000 sacos provinham da Rhodesia e 387.000 do territorio da Companhia de Moçambique. Estes importantes embarques indicam que a Beira está mantendo a sua posição de segundo porto cerealifero da Africa meridional e oriental





# Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

**Séde — LISBOA — Rua do Comercio**

**Agencia — LISBOA — Cais do Sodré**

Capital social: Esc. 48.000:00\$000

Capital realizado: Esc. 24.000:000\$00

Reservas: Esc. 34.000:000\$00

FILIAIS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarém, Setúbal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes, Vizeu

FILIAIS NAS ILHAS — Funchal (Madeira), Angra do Heroísmo e Ponta Delgada (Açores)

FILIAIS NAS COLONIAS — AFRICA OCIDENTAL — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshass (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes, Lubango

AFRICA ORIENTAL — Beira, L. Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo

INDIA — Nova Gôa, Mormugão e Bombaim (India inglesa) CHINA — Macau TIMOR — Dilly

FILIAIS NO BRASIL — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus

FILIAIS NA EUROPA — Londres, 9 Bishopsgate E.—Paris, 8, rue du Helder

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS — New-York, 93, Liberty Street

Operações bancarias de toda a especie no continente, ilhas adjacentes, Colónias, Brasil e restantes países estrangeiros

TEM UM AUTO,  
UM SIDE,  
UM CAMION,  
UM TRACTOR?

QUER LUBRIFICA-LO  
CONVENIENTEMENTE?  
DIGA-NOS A SUA MARCA E  
RECEBERA' ESTE FOLHETO.



PRODUTO DOS ESTUDOS DOS NOSSOS ENGE-  
NHEIROS ESPECIALISTAS, EM COLABORA-  
ÇÃO COM OS DAS CASAS CONSTRUTORAS

GARGOYLE  
  
**Mobiloil**

LEGUIE-SE PELA NOSSA TABELA DE RECOMENDAÇÕES

**VACUUM OIL COMPANY**